



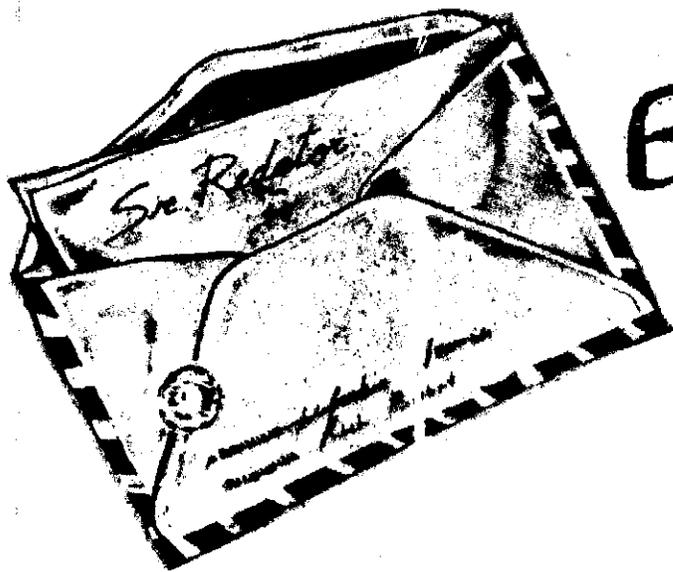
O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

*Meu povo, que te fiz Eu?
Ou em que te contristei? Responde-Me!*



Que mais devia Eu fazer por ti, e não fiz?



Escrevem os leitores

"Estou escrevendo a vocês para agradecer todo o bem que tenho recebido através deste jornal. Ele me é muito útil, pois sendo eu professora preciso transmitir sempre algo bom aos meus alunos"....

MARIA IZABEL SANTANA
UBERLÂNDIA - MINAS GERAIS

"Desejo receber "O Desbravador" porque necessito crescer em sabedoria educacional e religiosa"

ELIZABETH ALVES ELIAS
CAMPOS - RJ

"Há três meses que venho recebendo "O Desbravador" e a coisa que gosto muito é a vida dos santos publicada neste jornalzinho..."

VILMAR M. PAVESI
PONTA GROSSA - PR

"Quero lhe agradecer de todo o coração pelo tesouro que estão me enviando, as leituras que ele contém são alimentos para nossas almas, principalmente quando defende a justa causa da Imaculada Conceição. Rezaremos juntos pelo triunfo do seu Imaculado Coração. Desejaria que todos se conhecessem o grande amor que Maria Santíssima tem por nós, e aceitasse Nossa Querida Rainha....."

VALDETE DE FÁTIMA C. DE BARROS
SÃO PAULO - SP

"Estou muito satisfeita em receber "O Desbravador", embora não saiba como esse jornal maravilhoso veio parar em minhas mãos, agradeço com todo carinho a quem me concedeu essa alegria. Nenhuma palavra é suficiente para exprimir o que esse jornal traduz. É uma luz....."

LEDA DUARTE MARTINS
RECIFE - PE

"Se todos os jovens recebessem estas mensagens de esperança, o mundo seria melhor. É preciso orientá-los na Fé Cristã, no caminho de Deus..."

CRISTINA PERILO DE REZENDE
LAGOA DA PRATA - MG



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO:

ANSELMO LAZARO BRANCO
ALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO:

ELMA APARECIDA LAZARO BRANCO
RIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO:

STÚDIO "FRÃ ANGÉLICO"

REDAÇÃO:

JOSE HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIS HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA:

MAURO TAKESHI ENDO
MIHAILO MILAN ZLATKOVIC
LAURINDO GONÇALVES
VICENTE WALTER S. MACHADO

EXPEDIÇÃO:

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
RENATO KAORU ISHIMINE
ROMILSON CHAVES SILVA
ROBERTO MANGINI
WALADYER NERI S. MACHADO
MIGUEL ZUPPO
LUIS AKIO YASUTAKE
GERSON FERNANDES DOS SANTOS

CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416
01000 - SÃO PAULO - SP

EDITORIAL

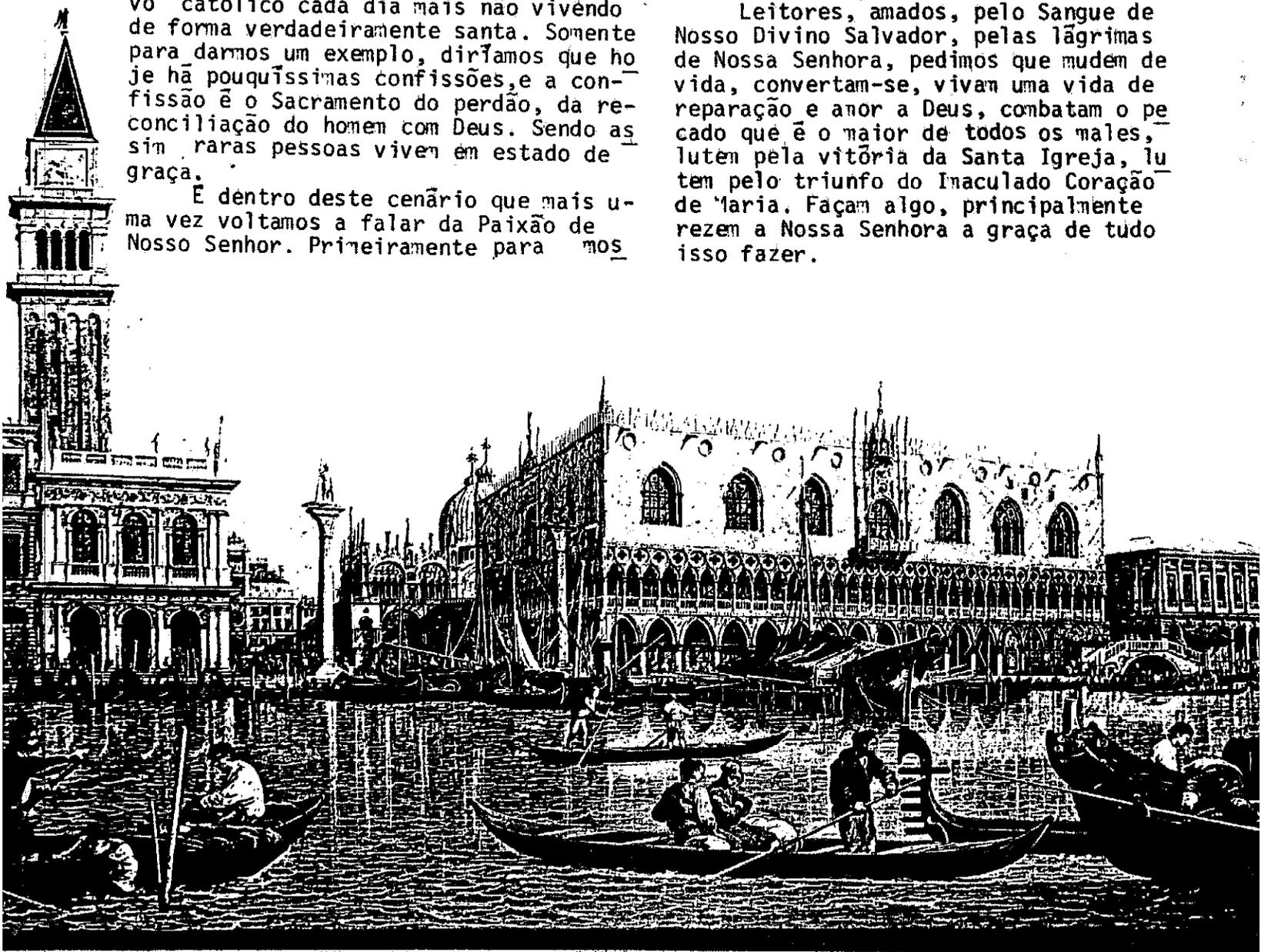
Nos extertores do século XX, a humanidade atravessa uma de suas piores e mais degradantes situações. Os valores morais são ridicularizados, a inocência é conspurcada, a verdade não é aceita, a família vai sendo destruída, a verdadeira Religião combatida e criticada até por seus filhos.

Nesse rol de monstruosidades a crise religiosa desponta como a pior de todas, quer pelo seu volume, quer pela influência que traz para os demais campos e atividades. Essa crise é dupla em seus aspectos: de um lado bispos, padres e fiéis trabalhando num processo (se isso fosse possível) que Paulo VI denominou de "auto demolição", de outro, o povo católico cada dia mais não vivendo de forma verdadeiramente santa. Somente para darmos um exemplo, diríamos que hoje há pouquíssimas confissões, e a confissão é o Sacramento do perdão, da reconciliação do homem com Deus. Sendo assim, raras pessoas vivem em estado de graça.

É dentro deste cenário que mais uma vez voltamos a falar da Paixão de Nosso Senhor. Primeiramente para mos

trar aos homens os Sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo e às Dores de Maria Santíssima e às suas Preciosíssimas Lágrimas. Em segundo lugar, para que os nossos leitores procurem reparar as ofensas que os Corações de Jesus e de Maria recebem, tanto por uma vida melhor, tanto por uma santa confissão que os reconcilie com Deus. De outra parte queremos nesse número dizer que as grandes abominações de nossos dias causam a Paixão de Nosso Senhor e portanto merecem nosso repúdio e nosso ódio, merecem nossa luta em prol de um mundo verdadeiramente católico, em prol de uma humanidade que viva de acordo com os ensinamentos da Santa Igreja.

Leitores, amados, pelo Sangue de Nosso Divino Salvador, pelas lágrimas de Nossa Senhora, pedimos que mudem de vida, convertam-se, vivam uma vida de reparação e amor a Deus, combatam o pecado que é o maior de todos os males, lutem pela vitória da Santa Igreja, lutem pelo triunfo do Inaculado Coração de Maria. Façam algo, principalmente rezem a Nossa Senhora a graça de tudo isso fazer.



"O JESUS, MEU AMOR CRUCIFICADO, NÃO SOIS CONHECIDO; JESUS, MEU AMOR, NÃO SOIS ANADO"
(São Francisco de Assis)

MATER DOLOROSA

Imaginemos uma mãe que tivesse um filho criminoso, e que o visse preso. Essa mãe sofreria dores enormes por ver o seu amado sofrer. Isso pelo simples fato de ser mãe.

Mas, imaginemos mais: que esse Filho não fosse um criminoso, mas o melhor dos filhos, e sua Mãe fosse a Mais Perfeita de todas as mães. O que não sofreria Essa Mãe ao ver o Filho Inocente, Justo, Santo, ser condenado ao mais terrível e humilhante suplício, a cruz, vê-lo em chagas, vê-lo em espinhos, em dores, enfim vê-lo tão sofrido que dos pés à cabeça era uma chaga viva. E, por três horas sofrer com Ele pregado numa cruz e agonizante e por fim assistir à sua morte. O que diria Essa Mãe quando fosse o Filho colocado em seus Braços?

Essa história ocorreu e essa Mãe chorou, sofreu e podemos colocar em seus lábios a frase do profeta, que é suficiente para cortar o coração de qualquer um: "Ó vós todos que passais pelo caminho, pa-rai e olhai para ver se a vossa dor é semelhante à minha dor".

Mas o gelo de muitos corações não se comove com essa dor e não são gelados ficam, mas ainda são carrascos que causam até hoje, com seus pecados, essa dor sem semelhanças.



Minha Mãe!

Se no passado tantas vezes Vos ofendi com os meus pecados, não quero de agora em diante Vos ofender mais. Não quero de agora em diante voltar a causar a Paixão de Vosso Divino Filho, nem voltar a causar Puríssimas Lágrimas.

Senhora! Rainha das Dores, eu vos peço que me concedais a graça de aqui para frente Vos amar. De vos amar pelo menos na intensidade com que no passado Vos odiei com os meus pecados.



"EU PORÉM JULGUEI QUE NÃO DEVIA PREGAR OUTRA COISA NO MEIO DE VÓS, A NÃO SER JESUS CRISTO É ESTE CRUCIFICADO" (São Paulo)



Um Conto de Pascoa

O aço duro da faca feriu a pederneira, fazendo saltar uma chuva de faíscas. O ruído seco parecia ecoar por toda a imensa nave da igreja, vazia e escura. Ainda uma vez e outra o aço tornou a ferir, até que uma chama vacilante apareceu no topo da enorme vela de cera, afastando um pouquinho a escuridão, e refletindo-se no rosto pálido e assustado do menino, que cuidadosamente a colocou no chão, ao lado do enorme missal.

Procurando as páginas, e com alguma hesitação na pronúncia do latim, o menino começou a ler as primeiras páginas da Vigília Pascal: "Deus, qui per Filium Tuum..." "Ó Deus, (...) santificai esse fogo novo tirado da pedra(...)".

A chama desenhava sombras fantásticas nas colunas próximas. Mas a igreja era tão alta e tão longa, que nada se distinguia, nem das paredes, nem do teto. O menino, a vela e o missal pareciam estar dentro de um globo de luz imerso na escuridão.

Aquecendo a faca no lume, e guiando-se pelo livro, a pequena mão hesitante começou a gravar o corpo do imenso círio: Primeiro, uma cruz. Sobre essa, o Alfa, e abaixo dela, o Ômega. O aço aquecido corria com facilidade através da cera. Finalmente, entre os quatro braços da cruz, surgiram os números do ano profundos e bordejados de gotas de cera fundida: 1794. Era o ano do Terror. Era a vigília da Páscoa. E o menino pálido, o enorme missal aberto, e o grande círio aceso se encontravam dentro de um globo de luz no interior imenso e cheio de trevas da Catedral de Notre Dame de Paris.

Thierry Martin 15 anos de idade. Ele havia nascido ali mesmo, na pequena rua de "Chanoiesse", à sombra dessa imensa catedral que, depois de seus pais foi a primeira coisa que ele aprendeu a amar. Foi em sua pia batismal que ele ainda em seu primeiro dia sobre a terra havia nascido para a vida da graça:

"Ó DEUS, QUÃO GRANDE SERÁ A PENA DOS CONDENADOS NO INFERNO, VENDO QUANTO PADECEU UM DEUS PARA SALVÁ-LOS E ELES PREFERIRAM PERDER-SE" (Santo Afonso Maria de Ligório)

Era ao som grave e compassado dos enormes sinos que ali tocavam que seus pais o haviam ensinado a regular a vida: Era no interior reverente e cheio de mistério daquelas naves que sua mãe o havia instruído no catecismo, levando-o pela mão enquanto mostrava as histórias do bom São Martinho que dividia sua capa com os pobres; de Santa Gênova, que várias vezes havia navegado ali mesmo no Sena, e que suas virtudes haviam salvo a cidade de Paris da invasão de homens maus, de São Miguel, o valente "cavaleiro de Deus", que derrotou o demônio orgulhoso e felão, ou então, as histórias da Santa Virgem, daquela "Dame" que ficava lá na frente, ao lado do altar, toda bela e toda pura, severa e alegre, afável e imperiosa, Rainha e Mãe, que ele amava acima de tudo e somente abaixo do Bom Deus.

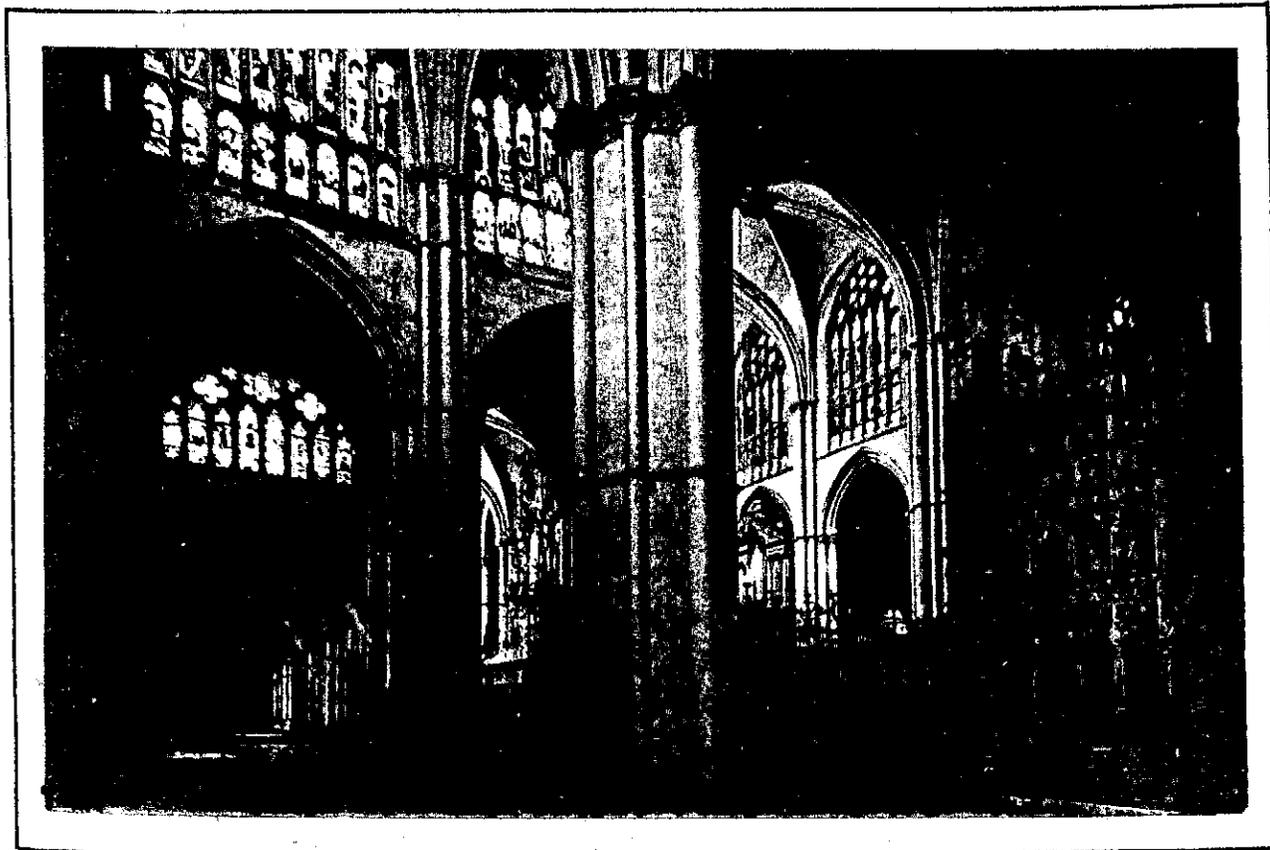
Thierry vinha todos os dias rezar à hora das Ave-Marias, quando toda a igreja parecia tremer ao som dos sinos... Foi aos seus pés que sua mãe o conduziu no dia de sua Primeira Comunhão... Foi aquele olhar severo que lhe deu coragem quando ele, todo nervoso em sua opa branca e vermelha, pela primeira vez serviu como "coroinha".

Depois... Depois havia começado essa espantosa Revolução. Quanta coisa triste havia acontecido naqueles últimos cinco anos! Homens maus andavam soltos pelas ruas, assaltando e matando; o rei e a rainha haviam sido guilhotinados; o pequeno Delfin estava preso; seu pai partira para a Vandéia para se aliar aos camponeses na luta contra a Revolução, e lá haviam morrido. Sua casa ha-

via sido confiscada, e o menino e sua mãe tiveram que fugir durante a noite, abandonando tudo para não serem presos também. Mas fugir para onde? Quem, nessa Paris aterrorizada pela sombra da guilhotina, ousaria dar abrigo a uma mulher declarada "suspeita"? Thierry sabia que não poderia contar com a bondade dos homens, e nem a procurou, pois tinha algo melhor. Quando a polícia revolucionária forçou a porta da frente de sua casa, fazendo-os fugir apressados pela porta dos fundos, ele sabia onde seria recebido, e, conduzindo sua mãe pelos becos da cidade, foi diretamente à Catedral que ele se dirigiu.

Foi lá, naquelas criptas cheias de entranhas e sinuosidades que poucas pessoas conheciam tão bem quanto Thierry, foi lá que ele e sua mãe passaram a viver. De quando em quando o menino saía em busca de alimentos, e, ao voltar, trazia notícias cada vez mais terríveis; os revolucionários estavam retirando todos os sinos das igrejas, e derrubando suas torres. Faziam-se procissões debicando de Nosso Senhor, dos Anjos e dos Santos; e ali mesmo naquela querida catedral estavam quebrando a golpes de martelo todas as imagens e despojando todas as capelas! Por toda parte se blasfemava, e ninguém mais parecia defender ou amar ao Bom Deus!

A boa senhora começou a definhar. Ela, que com tanta coragem havia suportado a notícia da morte do esposo e que não hesitou em ficar na miséria para manter sua fé, acabou sucumbindo perante a única coisa que a podia abalar: o insulto a Deus. Não suportando o desgosto de



ver a Igreja invadida por um bando de sanguinários, não resistindo ao choque da imagem da Virgem ser substituída por uma mulher de rua; não aguentando a dor de constatar que nenhum sacerdote se levantava em defesa de Deus, foi aos poucos enfraquecendo e se consumindo, até que, na tarde de sexta-feira Santa, sentindo que suas forças se acabavam, chamou o seu filho, e lhe disse: "Meu bom Thierry eu vou morrer. De agora em diante sua Mãe será apenas a Senhora da Catedral. E o meu desejo, e o Dela, é que, como seu pai você vá para a Vandéia lutar. Deus necessita de almas que O defendam, provando que O amam. Mas antes, Thierry, você deve fazer outra coisa: Essa igreja foi profanada pelos ímpios. É preciso que se faça uma reparação. É desejo de Sua Mãe, e é também o meu, que você passe uma noite rezando sobre essas pedras que a impureza profanou. Faça isso, meu filho, e depois vá lutar, e vá em paz." O menino a ouvia, ajoelhado, e sustentando-a em seus braços. Terminando de falar, a boa senhora cobriu-se com o sinal da cruz, e, inclinando a cabeça, expirou.

Toda essa noite Thierry passou em vigília ao lado do corpo da mãe. Na madrugada, levou-a para um dos sepulcros vazios que ali havia, e a depositou. Em seguida afastou-se um pouco para descansar. Era preciso recuperar forças, pois outra Mãe reclamava suas orações e seus serviços.

O menino, ajoelhado na pedra, continuou a ler o grande missal que o círio iluminava:

"...Expulsa seja a maldade do demônio enganador..."

Antes, os padres expulsavam os demônios. Agora, pareciam atraí-los em quantidade cada vez maiores. A fumaça do demônio parecia haver penetrado na igreja de Deus... Ninguém mais falava de inferno ou de castigo para os maus... Todos queriam parecer alegres e animados, no entanto nunca houvera tanta tristeza e desânimo...

"...Solene procissão de entrada..."

O menino se lembrava das procissões. Como era magnífico quando a Imagem da Bela Senhora saía pelas ruas de Paris, acompanhada do Arcebispo, dos Bispos e todos os sacerdotes, e seguida por todas as congregações com seus uniformes e suas bandeiras! Como todos se sentiam contentes e cantavam alegres! Quanta festa então!

...Agora os padres haviam declarado que não eram mais necessárias as procissões, e que se podia muito bem rezar a Deus sem sair da igreja... Mas nem por dentro das igrejas se rezava mais...

"...Alegre-se a Igreja nossa Mãe, ornada do clarão de tantas luzes..."

A chama vacilou um pouco no topo do círio. A igreja estava em trevas, e não podia estar alegre. O menino chorava.

"...Esta é a noite que dissipou as trevas do pecado (...) A Santidade dessa noite afugenta os crimes e apaga as culpas(...)".



Lá fora se ouvia o tropel dos cavalos. Era a patrulha revolucionária que prendia os católicos que amanhã seriam guilhotinados. O menino pensava em seu pai.

"... Nesta noite de graça, recebei, Pai Santo, esta chama ardente que, pelas mãos de seus ministros, Vos apresentava a Santa Igreja..."

A mão dos ministros! Elas agora estavam unidas com as dos maus, promovendo toda sorte de reconciliações. Falava-se em "boa vontade" e em "diálogo" com todos os inimigos de Deus. Os únicos per

seguidos eram aqueles que, como seu pai, queriam se manter fiéis à igreja e queriam resistir ao mal.

"...o diácono depõe os paramentos brancos, pega nos roxos, e vai por-se ao lado do celebrante..."

Os sacerdotes não usavam mais nem paramentos e nem batina. Agora andavam pelas ruas com roupas mais ridículas, pavoneando-se, e querendo parecer aquilo que não eram. Queriam "ser como todo mundo", esquecendo-se de que Deus os havia feito bem diferentes, e que suas pessoas eram sagradas.

"...Terminadas as leituras, dois cantores entoam a Ladainha de Todos os Santos..."

O menino levantou os olhos para o lado do Altar-mór, onde deveria estar a imagem da Virgem. Embora a escuridão não o deixasse ver nada, ele sabia que nada veria mesmo que houvesse luz. Alguém A havia retirado, juntamente com todas as imagens que não foram destruídas. Os padres de agora não gostavam dos santos, uma vez que não os podiam imitar. Criticavam as imagens, chamando-as de "incertivos para superstição", e de "puerilidades de pessoas pouco esclarecidas". Thierry não sabia o que queriam dizer essas palavras difíceis, mas amava as imagens dos santos que tanto o haviam ajudado, e não entendia porque elas haviam sido retiradas. Aliás, Thierry não entendia muitas outras coisas. Aquela não parecia ser sua igreja, a igreja de Sua Santa Mãe. Thierry estava confuso com tudo aquilo, e foi nessa enorme confusão que ele virou outra página do enorme livro, e leu:

"Solene e Santíssima Missa Pascal".

O menino percebeu um calafrio percorrendo a sua espinha. Um vento gelado soprou dentro da enorme nave, apagando repentinamente a luz do círio. A igreja estava totalmente imersa nas trevas. A igreja estava na mais completa escuridão.

Missa: Não existia mais missa! A cerimônia ridícula e caricata que se fazia então não era a missa, Católica, Apostólica, Romana, não era o Santo Sacrifício instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Aquelas "reuniões fraternais" que mais se assemelhavam a assembleias protestantes, ou a comícios, ou a farsas, não mereciam o nome de missa, e sim de profanação, insulto e blasfêmia!

A igreja Constitucional, a "Nova Igreja" revolucionária havia permitido a mudança da missa por uma série de práticas profanas e sacrílegas: Tocavam-se tambores e outros instrumentos dentro das igrejas; a "Marselhesa" e o "çaira" e até disparos de fuzil se faziam: Os padres falavam mais de política que de religião; e blasfemavam o nome de Jesus, chamando-o de "sans culottes"!

Até quando, Senhor, suportareis esses insultos? Até quando tolerareis que Vossa Igreja seja assim humilhada? Por quanto tempo mais adiareis Vossa Justi-



ça, Senhor? Por quanto tempo os maus ficarão rindo de vossos santos, escarnecendo de vossos fiéis? Por quanto tempo triunfará essa desavergonhada impiedade? Até quando a prostituição ficará ocupando o trono da Virgem? Por que Vos calais, Senhor? Por que permitis novamente que Vos Crucifiquem e Vos matem, e pareceis não querer ressuscitar?

O menino cismava, ajoelhado no meio das trevas. Voltado para o nicho onde antes havia A Senhora, e onde agora havia pedra profanada, o menino cismava e em sua cisma se dizia:

"Será que vale a pena ser fiel? Se eu imitar a fidelidade de minha mãe, não é bem provável que a única consequência será eu morrer como ela, sozinha e abandonada no fundo de um porão? E se eu seguir o heroísmo de meu pai, e for para Vandéia, de que adiantará? O que eu poderei fazer, por essa igreja, que não é já ridiculamente insignificante e ineficaz? Os padres, os Bispos, tudo que há na terra de grande e de sabio, afirmam que estou errado, e que minha igreja morreu"... Será que não é verdade? Será que eu não sou um pobre menino iludido



Thierry olhava, mudo e extasiado. Então, por uma pequena fresta que havia em um dos vitrais, penetrou dentro da nave um único raio de luz.

Claro, sublime, eterno, brilhante como a virtude e reto como a verdade, a aquele raio percorreu toda extensão da nave, até se transformar num pequeno círculo de luz no meio das páginas do grande livro que continuava aberto sobre as lajes do chão. E dentro desse círculo onde todas as cores se aivavam e todos os ouros resplandeciam, estavam as sacrossantas palavras do Evangelho da Páscoa:

"... logo ao alvorecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram visitar o sepulcro, (...). Um anjo do Senhor desceu do céu; (...) tinha o seu rosto o brilho do relâmpago, e suas vestes a brancura da neve (...)

Dirigindo-se o Anjo às mulheres, disse-lhe: "Não temais. Sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Já não está aqui. Ressuscitou como havia dito. (...) Ide depressa dizer aos discípulos que Ele ressuscitou, Vos precede na Galiléia (...)"

Aos poucos, o pequeno círculo de luz foi se extinguindo.

Mas ele não era mais necessário. O menino havia compreendido tudo.

Não, a igreja não estava morta. A Santa Igreja Católica Apostólica Romana é demasiadamente sublime para que um grupinho de apóstatas a venha destruir. E assim como o dia sucede à noite escorçando para suas tocas todas as corujas e morcegos, assim também o sol iria novamente nascer para a Santa Igreja de Deus, e todos os seus inimigos seriam expulsos da face da terra. E o menino sabia que sua missão era fazer tudo para que esse dia viesse o mais rapidamente possível.

Pensando nisso, o pequeno Thierry Martin guardou o círio e o grande missal, e, saindo da catedral e de Paris começou a se dirigir para oeste para essa Santa e guerreira Vandéia, que naquela manhã da Ressurreição, os próprios raios de sol pareciam querer alcançar.

e fazendo papel de bobó, querendo defender um ideal que não existe, e uma igreja que está morta? Já que parece evidente que tudo mudou, não será conveniente eu mudar também? Se tudo é diferente, para que insistir? Se todos apostatarem, todos renegaram a fé, para que continuar? Se o ideal parece morto, para que lutar?

Nesse instante, algo sucedeu lá em cima, bem lá no alto, que chamou a atenção do menino. A princípio, apenas uma claridade muito difusa. Depois, o contorno nítido e puro de um arco gótico apontando para o céu. Aos poucos, outros arcos foram se recortando nas trevas, foram clareando, foram se colorindo, foram se cintilando, até que por todos os lados o menino via cores, e via luz.

Lá estavam os padres com todos os paramentos! Lá estavam as belas procissões, lá estava São Martinho montado em seu cavalo, lá estava a boa Santa Genevêva a sorrir, lá estava São Miguel com sua espada de fogo! E lá na frente, solene, majestosa no meio da grande rosácea de entrada, lá estava a boa Senhora, com o Menino Jesus em seus braços!

A TODOS OS NOSSOS COLABORADORES, AMIGOS E LEITORES AUGURAMOS UMA SANTA PÁSCOA. QUE NELA TODOS SE RECONCILIEM COM DEUS PELA CONFISSÃO DE SEUS PECADOS A UM SACERDOTE E UMA VEZ RECONCILIADOS FAÇAM NO PERTO PASCAL UMA COMUNHÃO ABENÇOADA.

NOSSA SENHORA CONCEDA A TODOS ESTA INSIGNE GRAÇA E OS PROTEJA!

"QUE APROVEITA AO HOMEM GANHAR TODO O MUNDO, SE VIER A PERDER A SUA ALMA"
(Nosso Senhor Jesus Cristo - Mt 16, 26)

PENSEMOS EM JESUS QUE SOFRE

Todos nós temos momentos de tristeza e solidão. E como nos queixamos deles. Como lastimamos e lamentamos o abandono a que ficamos reduzidos, quando, por exemplo, um amigo nos vira o rosto. Se fosse por nossa vontade, normalmente falando, não teríamos nunca o desprezo dos homens, pelo contrário seríamos sempre queridos e estimados.

Fizemos estas considerações para abordar uma solidão, um abandono que não tiveram comparação em toda a história da humanidade. Referimo-nos à terrível agonia de Nosso Senhor no Jardim das Oliveiras. Nessa ocasião, como sabemos, o Filho de Deus, ficou triste até a morte, e na sua oração viu-se abandonado dos seus discípulos. Assim, enquanto Jesus orava e agonizava, um de seus apóstolos o traía (Judas), outros três (São Pedro, São Tiago e São João) dormiam e os demais o abandonaram.

Dizem alguns comentadores que o sofrimento que então o Salvador sofreu foi o maior entre os seus incomensuráveis sofrimentos. A tal ponto chegarem eles no Horto das Oliveiras que Nosso Senhor suou sangue.* E que coisa o fazia padecer tanto, a ponto de verter gotas infinitamente preciosas de Seu Sangue?

Não eram os açoites dos soldados de Pilatos, nem os espinhos que depois Lhe seriam colocados na Cabeça. Não eram outrossim, os cravos ou a Cruz. Diz Santo Afonso Maria de Ligório que o fato que tanto fez Nosso Senhor Sofrer nessa ocasião foi a terrível visão dos pecados de toda a história da humanidade. Desde o pecado de Adão no Paraíso Terrestre, passando pela traição de Judas, e abrangendo todos pecados que os homens viriam a cometer até a consumação dos séculos. E dentre tantos pecados Ele viu também os nossos pecados**, e portanto por causa deles teve aumentado o Seu Sofrimento.

Que este fato fique bem impresso em nossa alma e que cada um de nós fique bem consciente que a cada pecado que nós cometemos



nós estamos fazendo Nosso Senhor sofrer mais. E, portanto devemos medir bem nossas ações para não só não o ofender mais, como também procurar em tudo agradá-lo.

Além disso seria bom nós pensarmos se não estamos imitando o sono dos apóstolos. Eles dormiam enquanto Nosso Senhor agonizava. Não estaremos nós dormindo em nossos dias diante da crise pela qual passa a Santa Igreja, e no momento em que como consequência disso milhares de almas vão ao inferno?

Temos certeza que muito alegraríamos o Coração Adorável de Jesus se fôssemos exímios em nossa fidelidade à Santa Igreja e em nosso amor pelas almas. Esperamos que Nossa Senhora, que esteve junto do Salvador, em todos os Seus sofrimentos, nos alcance a graça de seguirmos os conselhos que então Nosso Senhor deu aos apóstolos, ou seja que nós vigiemos e oremos para não cairmos em tentação.

* Dizem os médicos que o suor de sangue pode resultar da previsão de um enorme sofrimento.

** Nosso Senhor sendo Deus vê todos os fatos quer presentes, passados ou futuros.

"CRISTO JESUS DESPREZOU TODOS OS BENS TERRENOS, PARA MOSTRAR QUE DEVE SER DESPREZADOS"
(Santo Agostinho)

Suas mãos faziam o bem, por isso as ataram!



Por que foi o Senhor manietado por seus algozes? Por que im pediram eles o movimento de suas mãos, prendendo-as com duras cordas? Só o ódio ou o temor poderiam explicar. Por que odiar assim estas mãos? Por que temê-las?

A mão é uma das partes mais expressivas e mais nobres do corpo humano. Quando os Pontífices e os pais abençoam, fazem-no com gesto de mão. Quando o homem inocente é perseguido se vê saturado de dores e apela para a justiça divina, seu último amparo contra a maldade humana, é ainda com as mãos que amaldiçoa. Para rezar, o homem junta as mãos ou as levanta ao Céu. Quando ele quer simboli-

zar o poder, empunha o cetro. Quando fala às multidões, o orador acentua com as mãos a força do raciocínio com que convence ou a expressão das palavras com que comove. É com as mãos que o médico ministra o remédio e o homem caridoso socorre os pobres, os anciãos, as crianças.

E por isto os homens osculam as mãos que fazem o bem, e algemam as mãos que praticam o mal.

Vossas mãos, Senhor, o que fizeram? Por que foram atadas?

Com bondade inefável, assumistes nossa natureza humana. Quisestes ter um corpo humano, por amor do homem. E para fazer o bem, que foram criadas vossas divinas mãos.

Quem pode dizer, Senhor, a glória que essas mãos, agora sangrentas e desfiguradas, e entretanto tão belas e tão dignas desde os primeiros dias de vossa infância, deram a Deus quando sobre elas pousaram os primeiros óculos de Nossa Senhora e de São José? Quem pode dizer com quanta meiguice fizeram a Maria Santíssima o primeiro carinho? Com quanta piedade se uniram pela primeira vez em atitude de prece? E com quanta força, quanta nobreza, quanta humildade trabalharam na oficina de São José?

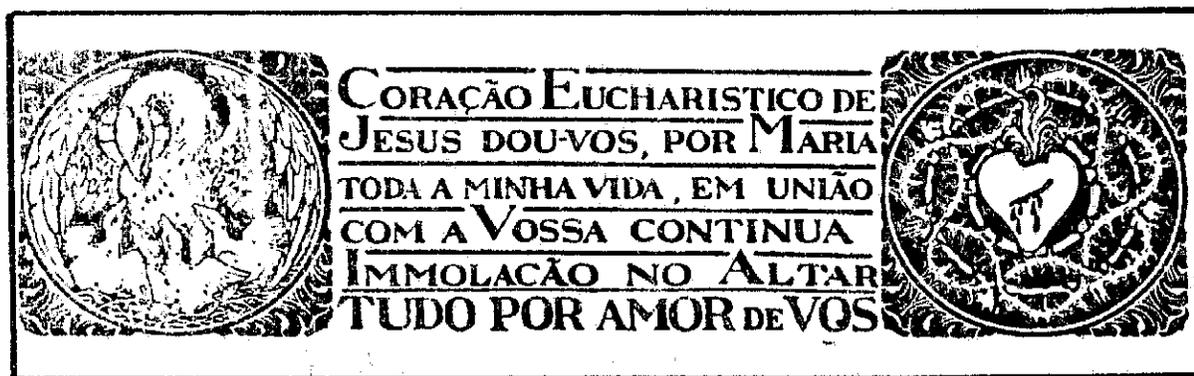
Mãos de Mestre, mas também mãos de Pastor. Não ensináveis, apenas, mas guiáveis. Vossas divinas mãos tiveram virtudes misteriosas e sobrenaturais para afagar os pequeninos, acolher os penitentes, curar os enfermos. Mãos tão sobrenaturalmente fortes, que ao seu império vergavam todas as leis da natureza, e ao seu aceno a dor, a morte, a dúvida fugiam.

Mas, estas mãos que foram tão suaves para os homens retos como João, o inocente, e Maria Madalena, a penitente, estas mãos foram

também terríveis para o mundo, o demônio e a carne.

Por que estão aí atadas e postas em carne viva? Porventura por obra dos inocentes, dos penitentes? Ou antes por obra dos que delas receberam merecido castigo e contra este castigo diabolicamente se revoltaram? É por que alguém receiasse ser curado? Ou afeito? Quem porventura teme a saúde? Ou quem odeia o carinho?

Senhor, para compreender essa monstruosidade, é preciso crer no mal. É preciso reconhecer que tais são os homens, que sua natureza facilmente se revolta contra o sacrifício, e que entra no caminho da revolta, não há infâmia nem desordem de que não seja capaz. É preciso reconhecer que vossa lei impõe sacrifícios, que é duro ser casto, ser honesto, e em consequência é duro seguir vossa lei. Vosso jugo é suave, sim, e vosso peso é leve. Não porém porque não seja amargo renunciar ao que em nós há de animal e desordenado, mas porque Vós mesmo nos ajudais a ser fiéis.



Fez desaparecer todo o orgulho da nobreza carnal, nascendo de Mãe não tocada pelo homem, que concebeu e permaneceu intacta - concebendo virgem, dando à luz virgem e virgem morrendo - e era casada com um operário.

Não querendo que ninguém se envaidecesse da importância de qualquer cidade da terra, nasceu na cidade de Belém, tão pequena entre todas as cidades da Judéia que ainda hoje é chamada villa, arraial.

Fez-se pobre - Ele a quem pertencem, e por quem foram criados todos os seres, para que ninguém, crendo nele, ousasse enaltecer-se pelas riquezas terrenas.

Embora toda a Criação testemunhe seu reino sempiterno, não quis ser aclamado rei pelos homens, para mostrar o caminho da humildade aos infelizes que a soberba separa dele.